



## Por uma crítica da cultura jovem: o caso Isadora Faber e seu “Diário de Classe”<sup>1</sup>

Mayra Fernanda Ferreira<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, Brasil

### Resumo

Este artigo apresenta uma análise do protagonismo dos jovens a partir da publicação do “Diário de Classe”, uma página no *Facebook* de autoria de uma adolescente de 13 anos que criticava a situação acadêmica e de infraestrutura de sua escola pública em Florianópolis. Tendo como base os Estudos Culturais, pretende-se pontuar como se manifesta a cultura de uma geração que vivencia as mídias digitais, apropriando-se de suas ferramentas para produção de conteúdos, ao mesmo tempo em que exercita sua cidadania, principalmente no que se refere ao direito à liberdade de expressão.

**Palavras-chave:** cultura; geração digital; redes sociais digitais; protagonismo jovem.

### Introdução

“Eu Isadora Faber, estou fazendo essa página sozinha, para mostrar a verdade sobre as escolas públicas. Quero o melhor não só pra mim, mas pra todos.” Com essas palavras, a autora da página na rede social digital *Facebook*, “Diário de Classe – a verdade... com Isadora Faber”, descreve seu protagonismo e seu objetivo ao iniciar em 11 de julho de 2012 uma série de denúncias sobre a situação de sua escola pública em Florianópolis (Santa Catarina).

Considerando a intenção cidadã de garantir um ensino de qualidade a todos, a jovem de apenas 13 anos foi considerada um exemplo de protagonismo a ser seguido, ao mesmo tempo em que reclama por direitos e explicações que, muitas vezes, ficam restritas ao universo dos adultos. Isadora, como pontua a cobertura jornalística da época – a partir de depoimentos no livro “Diário de Classe – a verdade” (FABER, 2014), é sinônimo de coragem e rebeldia, é uma revolucionária que inspira outros jovens a fim de transformar a realidade do País.

A partir desse status dado a essa jovem, é possível questionar os comportamentos e as atitudes de uma juventude em meio à mídia digital e como comportamentos e atitudes na *web* podem ressignificar uma cultura ou cibercultura que (re)constrói o papel cidadão de crianças e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, realizado de 22 a 24 de abril de 2015 na Unesp em Bauru.

<sup>2</sup> Aluna regular do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp em Bauru. Professora da Universidade Sagrado Coração (USC). E-mail: mayrajornal@gmail.com



jovens tanto na mídia quanto na sociedade. Este trabalho tem como ponto de partida esses questionamentos, visando compreender, a partir da análise pontual e crítica do “Diário de Classe” e do protagonismo de Isadora Faber, essa cultura jovem do século XXI e seus desdobramentos para a mídia e a sociedade.

Para essa análise, parte-se da dimensão de cultura de autores dos Estudos Culturais como Raymond Williams (1969) que a destaca enquanto uma estrutura de sentimentos, pertencente a todos os indivíduos, afinal “a cultura é de todos”, descrevendo relações pessoais e sociais - a democracia. “Cultura significa um estado ou um hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida” (WILLIAMS, 1969, p. 20). É em um modo de vida, envolto por descobertas e interações, que se insere a perspectiva cultural do jovem que se discute aqui.

### **Cultura jovem em rede**

Na contemporaneidade, a cultura dos jovens está atrelada aos usos e ao consumo de mídia digital, uma vez que formam a geração de nativos digitais:

Esses garotos são diferentes. Eles estudam, trabalham, escrevem e interagem um com o outro de maneiras diferentes das suas quando você era da idade deles. Eles leem blogs em vez de jornais. Com frequência se conhecem online antes de se conhecerem pessoalmente. (...) Conectam-se entre si através de uma cultura comum. Os principais aspectos de suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediadas pelas tecnologias digitais. E não conhecem nenhum modo de vida diferente (GASSER; PALFREY, 2011, p.12)

Nessa cultura comum e modo de vida, é o empoderamento diante das tecnologias que possibilita o agir comunicativo em meio a um novo espaço público, o ciberespaço, constituindo assim um habitus, como define Bourdieu (2007), diante do qual têm-se comportamentos e vivência de experiências assumidas pelos jovens de modo natural, visto sua relação extensionista com as tecnologias. Segundo Tapscott (1999, p. 39), “usar a tecnologia é tão natural quanto respirar”, sendo assim a geração digital, como nomeia o autor, caracteriza-se pelo coexistência com as tecnologias.

Devido à transparência e ao engajamento que demonstram enquanto um grupo, Tapscott (1999; 2010) elenca as características dessa geração: 1) senso de autonomia e independência; 2) abertura intelectual e emocional ao se expressarem e receberem críticas; 3)



vivência em comunidades virtuais que permitem uma maior inclusão social em nível global; 4) velocidade e imediatismo das ações e relações na Internet; 5) livre expressividade e convicções firmes ao se manifestarem; 6) poder de inovação e investigação; 7) sensibilidade aos interesses corporativos, uma vez que também são consumidoras; 8) preocupação com a autenticidade das informações que encontram; 9) confiabilidade nas atividades em rede; e, 10) maturidade.

Os jovens da Geração Internet também não aceitam simplesmente o que lhes é oferecido. Eles são iniciadores, colaboradores, organizadores, leitores, escritores, autenticadores e até mesmo estrategistas ativos, no caso dos videogames. Eles não apenas observam, mas também participam. Perguntam, discutem, argumentam, jogam, compram, investigam, ridicularizam, fantasiam, procuram e informam. (TAPSCOTT, 2010, p. 32-33)

No entanto, este ativismo em rede nem sempre é garantia de uma legitimidade. Embora Wolton (2004) anuncie que essa geração é a pioneira da primeira sociedade do imaginário, pois tem a impressão de estar criando seu próprio terreno de aventuras, de poder inventar alguma coisa e se diferenciar das gerações anteriores, sem ter que se justificar, há ainda um sentimento de cautela e proteção diante de crianças e jovens até os 18 anos, seja porque legalmente ainda não atingiram a maioridade (BRASIL, 1991), ou por receio das transformações em nível político e até mesmo econômico que essas gerações podem provocar, já que Tapscott (2010) anuncia o poderio diante de empresas e governos que tais jovens têm.<sup>3</sup>

Dados da Pesquisa Agenda Juventude Brasil (BRASIL, 2013) mostram que os jovens de 15 a 29 anos acreditam no potencial da Internet como espaço de atuação para opinar sobre assuntos importantes e até mesmo cobrar os políticos. 91% dos mais de três mil jovens entrevistados acreditam no poder que têm de mudar o mundo e 21% julgam positiva a liberdade de expressão no Brasil. De forma breve e sintética, esses números revelam uma intencionalidade da juventude em participar da vida social como protagonista, sendo necessário, portanto, abrir espaço para sua criticidade e atividade social.

---

<sup>3</sup> Reconhece-se a pertinência dessa discussão para situar as crianças e os jovens enquanto sujeitos de direitos, entre eles, o direito ao acesso à informação e à liberdade de expressão (ONU, 1989), porém esta problematização merece um debate substancial e não cabe na proposta apresentada para este trabalho.



---

Retomando os estudos de Tapscott (1999; 2010), o autor comenta que as crianças<sup>4</sup> ressentem-se do fato de que suas ideias e atividades são tidas como suspeitas devido a suas idades. Sendo assim, o protagonismo dessa geração, mesmo em ambientes digitais, ainda tem um caminho árduo a fim de garantir sua legitimidade enquanto cidadão a fim de interferir na realidade. É o que se pretende demonstrar com o “Diário de Classe”, de modo a partir de um exemplo concreto e da potencial eficácia do mesmo, destacando a importância de um instrumento de liberdade de expressão para validar essa cultura jovem em rede, reconhecendo a identidade individual e coletiva dessa geração e assegurando à autoria jovem legítima seu espaço de protagonismo e ativismo social.

### **Contextualizando o “Diário de Classe”**

A partir da caracterização dessa geração e de sua cultura digital, os produtos culturais e midiáticos de autoria dos jovens podem revelar um posicionamento crítico e cidadão sobre a realidade social que vivenciam, além de merecerem destaque enquanto um meio eficaz de reconstrução da identidade jovem e, portanto, dignos de respeito e de credibilidade. É o caso do objeto de análise deste trabalho, o “Diário de Classe – a verdade... com Isadora Faber”.

Como já pontuado, a página, criada no *Facebook*, em 11 de julho de 2012, apresenta fatos e opiniões registrados pela jovem Isadora Faber de 13 anos sobre a “Escola Básica Municipal Maria Tomázia Coelho”, na qual estudou todo o Ensino Fundamental em Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Segundo a adolescente, o objetivo era “mostrar os absurdos que aconteciam na minha escola (...) eu não tinha a ideia do tamanho que ela [página no *Facebook*] ia ficar (...) eu só comecei porque queria fazer alguma coisa. Não queria de novo voltar pra casa e saber que absurdos aconteciam e eu não fazia nada” (FABER, 2014, p. 23).

Inspirada pelo blog *Never Seconds*, da menina sueca Martha que falava da merenda a fim de melhorar a alimentação em sua escola, Isadora, a princípio com a ajuda de uma colega de turma, criou a página no *Facebook* e por meio de fotos e vídeos mostrava irregularidades, como ventiladores quebrados e bagunça dos alunos durante as aulas, além de apontar ausências de professores e descaso da diretoria da escola pública. A adolescente visava a um ensino de qualidade e à transparência com o dinheiro público. Em um mês e meio no ar, o “Diário” já tinha mais de mil seguidores e as denúncias reverberam na direção e também na

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que, embora o autor utilize o termo crianças, Tapscott (1999) se refere a indivíduos de 2 a 22 anos de idade que demonstram a familiaridade com as tecnologias, como já enunciado.



mídia local e nacional – o que fez aumentar os seguidores para 35 mil curtidas já no fim de agosto.

Dentro da escola, a menina começou a ser pressionada por professores e demais colegas, mas ela não desistiu e conta que a cada atitude dessa, ela se fortalecia e se convencida de que era possível não apenas mostrar os problemas, mas alcançar resultados (FABER, 2014). Embora algumas mudanças positivas tenham sido realizadas no ambiente escolar, ela percebeu o potencial que tinha em mãos e começou a exigir mais melhorias e apontar falhas como o uso do dinheiro para pintar a quadra de esportes da escola. As respostas obtidas junto à direção e à Secretaria Municipal de Educação, além dos boletins de ocorrência a que teve de responder e das ameaças via rede social digital que recebeu, foram postadas na página, mostrando aspectos positivos e negativos do seu ativismo.

A “ombudsman girl” como foi chamada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* ganhou também destaque internacional e foi convidada para ilustrar com seu “Diário” o protagonismo em prol da educação básica em eventos no Brasil afora. “Eu nunca poderia imaginar que minha história ia parar tão longe, mas esta é a força das redes sociais: chegar a qualquer lugar independentemente de idioma, país ou nível social” (FABER, 2014, p. 105). Em defesa do seu protagonismo cidadão e crítico em relação à educação, Isadora, como já mencionado, sofreu críticas, processos, agressões e até perseguições. A família da menina se envolveu – em um possível atentado, até sua avó foi ferida –, mas nunca deixou de apoiar a iniciativa.

Mel Faber, mãe de Isadora, em sua rede social digital postou uma defesa em prol do protagonismo da filha, alegando que as postagens são mesmo de autoria da garota. “Ensino a todas as minhas filhas que liberdade de expressão é fundamental. Quem pensa questiona, e se não se convence, questiona novamente, não sendo suficiente, reivindicam seus direitos” (FABER, 2014, p. 130). Já o pai, Christian Faber, destaca o aprendizado da filha, como uma experiência única de vida, que não se aprende em escolas. Cabe destacar também o apoio do professor universitário Gil Giardelli que pontua Isadora no “Diário de Classe” como porta-voz e uma esperança para crianças, como índios tupinambás – catadores de caranguejo em Ilhéus na Bahia – que chegam a ter “acesso” e até mesmo podendo se beneficiar da atuação da menina.



O reconhecimento desse ativismo é ainda mensurado pelos cerca de 598 mil seguidores na página<sup>5</sup> e também por mensagens que recebeu, como esta: “você é muito jovem e com o sentimento de militância que impressiona. Sei que não deveríamos nos impressionar com o que se faz de correto, mas, dadas as circunstâncias atuais, seu posicionamento é sim digno de apreciação, divulgação e adesão” (FABER, 2014, p. 120). Há quase três anos o “Diário” está no ar: quem o acompanha percebe o amadurecimento e a criticidade de Isadora; há outros diários na rede que se organizaram a partir dessa iniciativa; e, Isadora mantém uma ONG em prol da educação<sup>6</sup>. Esses fatos garantem uma visibilidade à garota e ao seu produto cultural em mídia digital que se estende ao mundo real. Sob esses aspectos, suscitam-se questionamentos sobre a cultura dessa jovem e de sua juventude, a serem destacados a partir da perspectiva dos Estudos Culturais.

### **Cultura, mídia e crítica ao diário de Isadora**

O “Diário de Classe” de Isadora Faber pode ser considerado um produto cultural de repercussão em diferentes públicos: de crianças a idosos, de segmentos sociais e graus de instrução diversos. Não é, portanto, um produto cultural para um público segmentado. É um produto para todos, assim como é a cultura, na dimensão de Williams (1969). A segmentação ocorre em relação à produção. Esse produto conta com uma autoria jovem, destacando um certo pioneirismo na mídia digital ao defender publicamente questões educacionais e pontuar críticas até severas em direção à administração pública.

Nesse sentido, a análise de tal mídia exige, teórica e metodologicamente, aporte significativo nas esferas de produção e de recepção. Adota-se, então, os Estudos Culturais, tendo em vista que esse trabalho intelectual será melhor realizado se “o levarmos, de forma bastante aberta, para um confronto com pessoas para as quais esse não é um estilo de vida (...) para quem esse assunto é de próprio interesse intelectual, de seu próprio entendimento das pressões que sofrem, pressões de todos os tipos, do mais pessoal ao amplamente político” (WILLIAMS, 2011, p. 186-187).

Como a cultura é pertencente à vida social, Isadora vivencia em seu “Diário” e na vida cotidiana situações que a integram em uma geração pelo gênero, idade e classe social. Uma

---

<sup>5</sup> A página “Diário de Classe – a verdade...com Isadora Faber”, em consulta no dia 04/04/2015, contava com 597.800 curtidas, 862 pessoas falando sobre página e vídeos com mais de 6.500 curtidas e 2.600 compartilhamentos.

<sup>6</sup> Em 20 de junho de 2013, foi criada a ONG Isadora Faber ([www.ongisadorafaber.org.br](http://www.ongisadorafaber.org.br)), cujo lema é determinação + vontade = Brasil melhor. A ONG é mantida por doações.



garota da capital de um estado do sul do País, de família de classe média-baixa, frequentadora de escola pública e com acesso e domínio da mídia digital para criar seu próprio perfil em uma rede social digital, postar textos, fotos e vídeos, exercitando uma interação homem-máquina e homem-homem, como nos coloca Primo (2007). Quem curte e compartilha a página do “Diário” está conectado à rede, mas principalmente aos seus ideais de uma cultura interativa e participativa (SKIRKY, 2011). São pessoas em rede que intercambiam culturas: “pessoas que, contudo, entram em contato pela intermediação das obras” (BAKHTIN; MEDVEDEV, 2011, p. 204).

É enquanto uma obra significativa que se coloca o “Diário” e é como uma autora e protagonista social que está Isadora. A menina está em busca de uma prática emancipatória antes mesmo de compreender o que de fato seu “Diário” está a fazer. É como nos diz Fekete (apud WILLIAMS, 2011, p. 206): “a intenção da prática emancipatória precede a prática interpretativa”. Ao defender a educação em sua escola e, em seguida, repercutir a educação do País, Isadora quer utilizar a palavra por si. Afinal, para Freire (2002), ninguém deve assumir a palavra no lugar do outro.

O “Diário” garante essa expressividade à menina, mas ainda longe está sua legitimidade. Pode-se dizer que há o protagonismo e o ativismo em rede, mas a vida social renegocia a todo instante essa atuação de Isadora, visto às críticas e punições recebidas. Não ter essa legitimidade acaba por afetar a própria construção de uma identidade da cultura jovem. Em meio a reconstruções, essa cultura ainda busca ser compreendida em conformidade com o espírito jovem, cidadão e crítico de uma geração autônoma e defensora da liberdade.

Os elementos constitutivos da cultura circulam por diferentes planos (classes e fragmentos de classes sociais) e, ao serem “consumidos” em contextos materiais e simbólicos diversificados, tornam-se novas “realidades” que, ao serem recobertas por novos atributos, recebem funções às vezes inusitadas, já que muito diferentes daquelas propostas pelo produtor original. (BERTOLLI FILHO, 2013, p. 31)

Essa nova “realidade”, de certo modo imposta pela repercussão do “Diário” nas demais mídias, tem um duplo movimento. Há quem compreende a proposta do “Diário” e o apoia, transferindo esse apoio à menina e aos seus pais, já que estes se envolvem nessa produção cultural, como relatado anteriormente. Mas há também quem o lê equivocadamente e apresenta uma postura cética em relação à autoria das mensagens e também uma negação do potencial de ativismo da jovem.



Na tentativa de reconhecer as comunicações presentes no “Diário, a partir do diagrama sobre os circuitos de cultura (JOHNSON, 2010, p. 34-35), valida-se a necessidade de se compreender as condições específicas do consumo e da leitura, incluindo as simetrias de recursos e de poder material e cultural de posse dos produtores e também dos consumidores, ou melhor, receptores ou interagentes, recuperando mais uma vez Primo (2007) e a discussão a respeito da interação mediada por computador. Dessa forma, os “equivocos” se apresentam socialmente devido às interpretações desses interagentes que discordam ou são afetados pelo conteúdo crítico postado por Isadora também na mediação da vida cotidiana e presencial.

É claro que não se deve isentar a garota de responsabilidade pelas denúncias em meio à credibilidade em construção. Como já afirmado, não há uma legitimidade genuína delegada à ação da garota; há indícios de reconhecimento de seu protagonismo e uma validação, por meio de prêmios recebidos por órgãos empresariais e da imprensa brasileira e até internacional, a qual aspira uma continuação a partir da ação da ONG Isadora Faber.

Essa crise da legitimidade pode ser delegada à participação dos pais no processo de produção, divulgação e repercussão do “Diário”. Devido à não maioria legal da garota, os pais estiveram presentes nas reuniões escolares sobre as “verdades” dos *posts* e também nas ações judiciais, assim como nas viagens para as quais Isadora foi convidada para relatar sua experiência. Mel e Christian Faber foram criticados por se beneficiarem do “sucesso” da filha. Também rebateram críticas sobre serem os “verdadeiros” responsáveis pelo conteúdo do “Diário”. Ambos defenderam o direito à liberdade de expressão da menina e seu protagonismo diante de suas inquietações a princípio sobre sua escola e na sequência sobre o sistema educacional e também sobre o contexto sociocultural do País.

A tomada de posição dos pais legitima o campo de família consolidado consensualmente na sociedade, por meio do qual deveria haver apoio e amor incondicionais aos filhos. No entanto, tal atitude é alvo de críticas ao se subestimar o potencial de uma menina de 13 anos. A construção legal em torno da infância e da adolescência não valoriza o poder social desses jovens. Sendo, assim, precisam ser protegidas e não é o que fazem de fato os pais de Isadora? - apesar de na contramão estar a valorização do aprendizado singular da menina com sua própria expressividade. Entretanto como não é possível assegurar a total ausência de uma mediação dos pais na produção do “Diário”, cabe confiar em seus discursos e na autoria infantil, devido à caracterização da geração digital a qual pertence Isadora.

Concomitante a essa posição crítica aos pais, há a espetacularização do fenômeno “Diário de Classe” na mídia e em novos produtos semelhantes no *Facebook*. A



superexposição da menina na mídia, em especial com as denúncias à Secretaria Municipal de Educação, enuncia uma ação e um jogo político. Em meio a uma crise de identidade política do País, as postagens acentuaram e, pode-se dizer, escancararam, problemas de ordem financeira e de responsabilidade pública. Tensionavam-se, assim, as esferas econômicas, políticas e sociais com a cultura, e a dos jovens, em um dos polos em uma atividade de cobrança e fiscalização.

De acordo com Williams (2011), a cultura tem o papel de garantir o esclarecimento à população e sua crítica possibilita fornecer informações de modo que as pessoas sejam menos ingênuas; é, então, um elemento de transformação. Nessa perspectiva, é possível reconhecer o potencial cultural e de crítica do “Diário” e de sua autora, nem grande nem pequena cidadã, mas um ator social em exercício de sua cidadania.

### **Considerações**

Dizer a verdade sobre a sua escola pública em Florianópolis e buscar melhorias para o ensino básico brasileiro não foi a simples tarefa de uma página no *Facebook* de uma adolescente de 13 anos. Isadora Faber e seu “Diário de Classe” mostram como se posiciona uma cultura jovem em meio ao mundo digital, sendo esse potencialmente um espaço legítimo para relações e interações mediadas ou não. Como diz Caclini: “a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social” (CANCLINI, 2009, p.41).

Diante do protagonismo e de certo pioneirismo da geração digital nesse meio de comunicação, Isadora buscou em sua página mostrar os problemas de sua escola e ganhou repercussão internacional, em meio a melhorias, críticas e até agressões. Ela foi uma das expoentes dessa cultura ao se assumir a autora de um produto cultural e midiático, arcando com os ônus e os bônus de um produto inserido em uma lógica de ação política devido aos conteúdos postados e ao debate provocativo diante dos questionamentos e das cobranças realizadas.

O “Diário” e, principalmente, sua repercussão enunciam um desafio aos jovens: (re)construir a sua identidade individual e enquanto grupo que possui demandas como a autoria em meio digital e o protagonismo social a partir do empoderamento das tecnologias que atravessam o mundo virtual e se posicionam como reivindicações reais. A menina Isadora, de certo modo, está vencendo esse desafio, visto que se posiciona em nome de uma



educação de qualidade para todos. É defendida pelos pais que acompanham sua trajetória de pioneirismo e reconhecimento em diferentes instâncias da sociedade e também recebem críticas, como a filha. Porém, ela ainda é inspiração para jovens que têm o sonho de um Brasil melhor.

Como pontua o professor Gil Giardelli (apud FABER, 2014, p. 21), a atitude de Isadora “nos mostra que é possível construir uma educação com novas fronteiras do pensamento coletivo, da sociedade do conhecimento, da atitude empreendedora e da escola evolucionista. Um Brasil da inovação e da ética coletiva”. Espera-se que esse protagonismo seja o primeiro de muitos a serem fomentados pelo perfil dessa geração digital, que em meio a sua cultura jovem busca espaço para se expressar, se manifestar e se consolidar como cidadã.

## Referências

BERTOLLI FILHO, Cláudio. As pesquisas no campo da Comunicação e os conceitos de cultura. **Revista Comunicação Midiática**, n. 8, 2013, p. 14-35.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Organização e seleção de Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Agenda Juventude Brasil - **Pesquisa Nacional sobre o Perfil e o Opinião dos Jovens Brasileiros 2013**. Disponível em: <<http://m.biblioteca.juventude.gov.br/xmlui/handle/11322/188>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do adolescente**. Decreto- Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Coordenação de Publicações, 1991.

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FABER, Isadora. **Diário de classe – a verdade: a história da menina que está ajudando a mudar a educação do Brasil**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2014.

\_\_\_\_\_. **ONG Isadora Faber**. Disponível em: <[ongisadorafaber](http://ongisadorafaber.org)>. Acesso em: 04 abr. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GASSER, Urs; PALFREY, John. **Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais,?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ONU. **Convenção dos Direitos da Criança**. UNICEF, 1989.



PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador:** comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação:** criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

TAPSCOTT, Dan. **A hora da geração digital:** como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

\_\_\_\_\_. **Geração Digital:** a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. Tradução de Ruth Gabriela Bahr. São Paulo: Makron Books, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Política do modernismo.** Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Sociedade.** Tradução de Leônidas Hegenberg, Octanny da Silveira Mota, Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação.** Tradução de Zélia Leal Adghiri. Brasília: Editora UnB, 2004.





## Anexo B – Homepage da ONG Isadora Faber

The screenshot shows the homepage of the ONG Isadora Faber. At the top, there is a navigation menu with links: Bem-vindos, Isadora, Objetivos, Fotos, Como Ajudar, Colaboradores, and Contato. Below the menu is the organization's logo, which consists of the text 'ONG ISADORA FABER' in colorful, stylized letters. To the right of the logo is the heading 'Bem Vindos a ONG Isadora Faber'. The main content area features a large graphic with three hand-drawn circles. The first circle is green and contains the word 'Determinação'. The second circle is blue and contains the word 'Vontade'. These two circles are separated by a plus sign. To the right of the plus sign is an equals sign, followed by a third circle that is pink and contains the words 'Brasil Melhor'. Below this graphic, there are three columns of content. The first column is titled 'Confira o vídeo' and contains a video player for a video titled 'Nanodoc® Isadora Faber - Criadora da Fan Page Diário de Classe'. The second column is titled 'O Diário de Classe' and contains text about the diary's popularity and a section titled 'E o sucesso aconteceu' which describes Isadora's involvement in events. The third column contains text about Isadora's background and a small image of her holding a Brazilian flag. At the bottom of the page, there are two buttons: 'Leia Mais' (blue) and 'Leia Mais' (pink). The page number '19' is visible in the bottom left corner, and the text 'MHABLE © 2014 Privacy Policy' is in the bottom right corner.